

Fotos falam

» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)



Por séculos, o homem buscou certeza sobre a forma do planeta onde vivia, até que astronautas fizeram pela primeira vez a foto da Terra, vista de longe, no espaço. Aquela foto falou: “a Terra é redonda”. Disse mais: “nosso planeta é pequeno e frágil”. O crescimento econômico, pode desequilibrar o funcionamento da natureza, provocar mudanças climáticas, levar à extinção de espécies ou talvez da própria vida.

A foto despertou a consciência dos limites da natureza e dos riscos da marcha insensata do crescimento econômico, podendo levar a um desastre ecológico. Aquela foto falou, embora a humanidade ainda não queira escutá-la. Da mesma forma, caminhando conosco na superfície do Planalto Central o mineiro Orlando Brito fez fotos que nos falaram, embora insistamos em não perceber que elas nos gritavam.

São dele fotos que passam mensagens mais fortes do que livros e artigos de ciência política tentam nos passar. Por mais que antropólogos nos descrevam a grandeza dos povos indígenas, nenhum consegue passar a nobreza de um cacique, como a foto que Orlando Brito fez de um jovem líder indígena, nos jardins do Congresso. Da mesma forma que, no planetário, sua foto de Darcy Ribeiro conversando com o então deputado Cacique Mario Juruna. Apesar de todo humanismo do Darcy, que amava e respeitava os índios, no instante fotografado, ele mostra o indicador em riste apontando para o cacique, passando a ideia de uma mensagem de sabedoria,

que parecia uma ordem; Juruna, por sua vez, ouve com a atenção de quem recebe, elabora e vai contestar sem submissão.

Orlando Brito captou em um instante todos os encontros entre homem branco e indígena, ao longo de séculos e no tempo histórico em que a foto foi feita. Nesse caso, dois personagens marcantes, respeitosos entre si, mas com a carga dos séculos que colocam o branco em superioridade, mas mostra também os novos tempos, as conquistas de décadas recentes dos indígenas tomando consciência da força que carregam. Sentados lado a lado, o sábio branco e o cacique Juruna. As fotos de Orlando parecem instantâneas da história, elas mostram um passado carregado e um futuro previsível.

Quando fez a foto do plenário da Câmara dos Deputados vazio por causa do arbítrio do poder militar, sem uma palavra, sem qualquer análise escrita, ele consegue lembrar os anos anteriores da ditadura que assustam com os riscos do futuro adiante. Naquela foto, ele congelou a história. Quem a viu publicada, no dia seguinte, lembrou do passado e imaginou o futuro. Alguns tomaram a decisão de buscar o exílio e outros optaram pela luta armada como único caminho para retomar a democracia. Sem texto escrito, sem um discurso pronunciado, Orlando Brito mudou a vida de milhões e deu encaminhamento à luta política no país. É possível até que alguns arrependidos passassem, então, a defender a abertura que traria a democracia de volta.

A foto de Ulysses Guimarães caminhando

solitário no gramado, tendo o Congresso ao fundo e ninguém mais na paisagem, passou a imagem da tragédia de uma democracia frustrada. O Congresso fora aberto, mas visto de fora parecia apenas um prédio, e Ulysses parecia um Dom Quixote caminhante. Da mesma forma, ele passa esperança na cara de Heloisa Helena falando no Senado com a força de seus olhos e de uma veia dilatada na testa. Esperança que vem também das fotos que discretamente ridicularizavam os ditadores dançando ao redor da mesa onde decidiam o rumo do crescimento econômico selvagem, definiam prisões e morte, a destruição da Amazônia.

Orlando Brito foi um mágico que fazia a realidade aparecer, graças ao sentimento de perceber a riqueza trágica do momento e conhecer como manipular sua Leica conforme a luz do momento. Dizem que o fotógrafo precisa de sorte para estar no momento certo, mas de nada lhe adianta a sorte sem o sentimento, a sagacidade e o conhecimento técnico. Brito tinha tudo isso, não precisava da sorte, porque ele ia em busca dela e ela dele, com riqueza de cada momento.

Nós tivemos sorte de ver pelos olhos e lentes do Orlando, tê-lo presente no lugar certo com sua câmera e sua sensibilidade. Agora, temos a tristeza de sua ausência, e de sabermos que ele não vai mais fazer as fotos que nos falavam. Felizmente, as que ele fez continuarão falando, trazendo consciência dos fatos e tristeza por lembrarmos dele. Obrigado, Orlando Brito, por continuar nos falando.

Como se preparar melhor para a chegada de um bebê com síndrome de Down

» NATALIA GONÇALVES
Gerente de genética reprodutiva da GeneOne

A notícia de que o bebê que está a caminho tem síndrome de Down causa um enorme impacto nos pais e na família. Existe um processo de aceitação e de entendimento de tudo que envolve a chegada dessa criança e todos precisam de tempo para fazer as adaptações necessárias. Diante disso, ter o diagnóstico durante a gravidez e se preparar é fundamental.

A síndrome de Down é uma alteração genética que ocorre por um erro de divisão celular na fase embrionária. Os portadores da síndrome, em vez de dois cromossomos no par 21, possuem três, por isso a síndrome é conhecida como trissomia do cromossomo 21. Os cromossomos são as estruturas que condensam todo o nosso material genético, o nosso DNA, e as células do corpo humano possuem 46 cromossomos, distribuídos em 23 pares. Todo dia 21 de março, desde que a Assembleia Geral da ONU o estabeleceu em dezembro de 2011, é comemorado o Dia Internacional da Síndrome de Down. A data escolhida está relacionada à trissomia (3 cromossomos) do par cromossômico 21, que é a alteração genética que causa a síndrome.

Embora não haja uma causa específica para essa alteração genética, a idade materna deve ser considerada um ponto de atenção, pois a partir dos 35 anos aumenta muito a probabilidade da síndrome de Down. A falha genética pode acontecer de várias formas e a primeira e mais comum é a trissomia livre. Em cerca de 95% dos casos, há um cromossomo 21 extra separado (trissomia 21), que costuma ter origem materna. Essas pessoas têm 47 cromossomos, em vez dos 46.

Uma vez que a mulher esteja grávida, havendo ou não fatores de risco que sugiram a possibilidade de síndrome de Down, existem diferentes exames para a triagem precoce, como exames de sangue ou a ultrassonografia, que podem apontar chances de o feto ter síndrome de Down, mas não são determinantes. O exame mais eficaz para esse fim é o Teste Pré-Natal Não Invasivo (NIPT), realizado a partir da nona semana de gestação por meio de uma simples amostra de sangue materno. Além de detectar esta, detecta outras síndromes, como Edwards, Patau e Turner, e indica o sexo do bebê.

Caso o NIPT apresente um resultado indicativo de alto risco para a síndrome de Down ou para outras síndromes, é necessário confirmar o diagnóstico com um exame invasivo, a partir de amostras de vilos, líquido amniótico ou do cordão, a depender da idade gestacional. Esses procedimentos, apesar de seguros, apresentam um risco ao bebê e só devem ser usados para testes confirmatórios. Assim, a triagem com o NIPT é a forma mais segura de separar pacientes de alto e de baixo risco.

Saber antecipadamente que o bebê terá síndrome de Down tem várias vantagens e garante uma melhor qualidade de vida para o bebê e a preparação de toda a família. Como a síndrome está geralmente associada a outras possíveis anomalias congênitas que podem ter se desenvolvido durante o período fetal, ao saber que uma criança vai nascer com essa condição, vários exames podem ser planejados para serem realizados precocemente com uma equipe multidisciplinar.

A participação de educadores desde a primeira infância possibilita promover e acelerar o desenvolvimento das crianças com síndrome de Down. Elas também se beneficiam da participação em programas de intervenção o mais cedo possível, tais como a fisioterapia, a terapia ocupacional e a fonoaudiologia.

É comum que uma pessoa cujo filho foi diagnosticado com síndrome de Down tenha sentimento de medo. Saber desta condição de antemão permite a conversa e a troca com outros pais de crianças semelhantes, o que ajuda a superar o sentimento inicial, encontrar maneiras positivas de olhar para o futuro, aprender mais sobre a síndrome e, assim, aliviar alguns receios. O conhecimento sobre a síndrome e a estimulação precoce são a forma mais eficaz de promover o desenvolvimento dos potenciais da criança. Como todas as outras, essas crianças precisam fundamentalmente de carinho, alimentação adequada, cuidados com a saúde e um ambiente acolhedor.

No Dia Mundial da Síndrome de Down, é importante destacar as valiosas contribuições da medicina genética para seu diagnóstico eficaz e precoce. Isso permitirá uma maior preparação dos pais e, consequentemente, acesso ao que for necessário para que a criança tenha qualidade de vida.

Água, uma emergência

» CARLOTA AQUINO E ANTON SCHWYTER

Carlota Aquino é diretora-executiva e Anton Schwyter é coordenador do Programa de Energia e Sustentabilidade do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec).

Difícil acreditar que o país que enfrentou a maior crise hídrica em quase um século no ano passado é o mesmo que assistiu, neste verão, às tragédias causadas pela chuva na região serrana do Rio de Janeiro, na Bahia e na região metropolitana de São Paulo, entre outras. A gravidade do cenário hídrico nacional é ainda maior tendo em vista que boa parte da população brasileira enfrenta problemas de abastecimento ou sequer dispõe de água encanada e coleta e tratamento de esgoto, e que as mudanças em curso no planeta tendem a agravar os desequilíbrios causados pelos eventos climáticos extremos.

Essa situação, combinada ao fato de que a atuação das diferentes esferas governamentais relativa ao tema limita-se a ações pontuais, emergenciais e ineficientes para garantir melhorias mínimas, exige uma inversão urgente da lógica em curso: precisamos inaugurar urgentemente uma agenda de soluções estruturais para os problemas.

A água, assim como a energia, é um direito-chave da população, na medida em que é fundamental para a obtenção de todos os outros: sem água é impossível ter acesso à saúde, alimentação de qualidade e educação.

A insegurança hídrica enfrentada por boa parte dos brasileiros mostra que o país ignora, no entanto, esse fato. Pesquisa realizada pelo Ipec — Inteligência em Pesquisa e Consultoria em novembro último para o Instituto Clima e Sociedade (ICS) mostrou que, para 52% dos

entrevistados, faltou ou foi preciso racionar água em seus domicílios nos 12 meses anteriores, sendo que, para 18% deles, o problema se deu “muitas vezes” (número que sobe para 27% entre os entrevistados da região Nordeste). E a insegurança está presente quando se pensa no futuro: 25% e 43% dos entrevistados consideram que “com certeza” ou “talvez”, respectivamente, faltaria água nos 12 meses seguintes.

Pior ainda é que, para parte significativa da população, a questão vai além e é sinônimo de total ausência do serviço: dados do Instituto Trata Brasil indicam que quase 35 milhões de pessoas não dispõem de água tratada em suas residências.

Por outro lado, a mesma água que falta nas torneiras eventualmente causa caos e desespero, situações que vêm aumentando nos últimos anos. Conforme levantamento do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) de São José dos Campos (SP), o número de eventos extremos de chuva no início deste verão no Brasil foi recorde: em dezembro, foram emitidos 516 alertas de risco de desastres de origem geo-hidrológica, como deslizamentos de terra, inundações e enxurradas, para os 1.058 municípios monitorados atualmente pela instituição em todo o país. Desse total, 163 concretizaram-se em ocorrências. Considerando a quantidade de alertas enviados, o órgão avalia 2020, 2021 e, provavelmente, 2022 como os anos com mais episódios extremos de chuva.

Combinado aos problemas de infraestrutura,

falta de planejamento urbano e ocupação inadequada ou irregular de morros, encostas e várzeas de rios, esse cenário reflete a urgência do enfrentamento pelo país das ameaças associadas às mudanças climáticas e à piora das condições socioeconômicas de milhões de brasileiros.

Este Dia Mundial da Água é, portanto, um momento para refletirmos sobre o que pode ser feito para interrompermos essa bomba-relógio. O cardápio de alternativas possíveis é tão amplo que, considerando-se a eleição presidencial, o ideal seria termos um candidato que considerasse a água como tema transversal em todos seus ministérios: água como foco de uma educação contra o desperdício, recursos hídricos como prioridade dos projetos de infraestrutura e uso mais eficiente na agricultura, além de melhorias na gestão dos reservatórios das hidrelétricas e redução das emissões de gases de efeito estufa para desacelerar as mudanças climáticas, entre outras ações. Melhorias legislativas nessas direções também deveriam pautar a agenda dos candidatos a deputados e senadores, enquanto os futuros governadores precisam atentar para a aplicação efetiva de políticas nessa direção nos estados.

De nossa parte, cabe considerar esse ponto de vista na hora de avaliar as propostas dos candidatos, cobrando melhorias e ação efetiva dos próximos mandatários. Afinal, é urgente que a insegurança hídrica seja contemplada na pauta eleitoral e que se comece a agir. Antes que seja ainda mais tarde.